



A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E SEUS REFLEXOS NO MERCADO DE TRABALHO: APONTAMENTOS SOBRE O *CUIDADO DE SI*, DE FOUCAULT

Franciéli Frank - UPF¹

Resumo: A tarefa de ser professor na escola atual é desafiadora e o ensino vem sofrendo muitas críticas, especialmente sobre sua eficiência e seu papel transformador da realidade. O presente artigo busca pesquisar algumas contribuições de Michel Foucault à educação, especialmente referentes ao conceito do cuidado de si. Diante de tantas incertezas, tecnologias, globalização e mercado surge o questionamento de como deve ser a formação educacional. A escola contemporânea não prioriza as concepções do *cuidado de si*, e isso é facilmente observado nos currículos baseados no interesse do que os elaboram, visando apenas o mercado de trabalho e a produção de mão-de-obra. Assim, o cuidado de si visa recuperar a ideia de educação, de cultura, não apenas de formação para o trabalho. O bom profissional pode ser aquele que também cuida de si, tem cultura, pensa e age de forma reflexiva.

Palavras-Chave: educação; escola contemporânea; cuidado

Introdução

A educação está ligada ao pensamento filosófico, bem como à sociedade e suas constantes transformações. Assim, cada teoria filosófica buscou fundamentar e construir um modelo educacional. Para entender a articulação entre filosofia e educação, torna-se necessário analisar criticamente os diferentes paradigmas da educação. Ela, como qualquer outra produção histórico-social, reflete representações e valores de um determinado grupo de pensadores formando um paradigma. Muitas foram as teorias que embasaram a educação, começando pela antiguidade grega, passando pela filosofia medieval, pela modernidade, até as correntes contemporâneas. A educação foi se moldando e aperfeiçoando a cada novo paradigma.

O pensamento de Foucault pode ser dividido em três etapas, denominados domínios foucaultianos, sendo denominadas de arqueologia, genealogia e ética. No último, Foucault

¹ Mestranda em Educação

refere-se ao *ser-consigo*, como nos tornamos o que somos - sujeitos constituídos pela moral. Diante disso, a educação deveria ter como objetivo de colaborar com o desenvolvimento dos cuidados do *ser-consigo*.

Em seus estudos, o filósofo investigou a questão do *ser consigo*, tratando do modo como nos vemos, da auto-reflexão, do cuidado e da relação ética que devemos ter conosco. Logo, pesquisar a influência da escola na formação e no projeto de vida pessoal é de grande importância, uma vez que a educação básica é obrigatória e, por isso, é imprescindível que ela seja reflexiva e contribua para a formação do *cuidado de si*.

Foucault é um crítico da instituição escolar, pois, segundo o filósofo, a escola é o meio para subjetivar o aluno, discipliná-lo, ou seja, a criança deve apresentar um futuro produtivo para o estado. Logo, o conhecimento dos saberes/poderes possibilita o entendimento dos fins contemporâneos da educação.

O presente artigo busca pesquisar algumas contribuições de Michel Foucault à educação, especialmente referentes ao conceito do cuidado de si. Nesse sentido, a proposta investigativa, com bases nos objetivos propostos, procura analisar a escola contemporânea, mais especificamente sua relação com o mercado de trabalho, e como se relaciona com o cuidado de si.

O ensino vem sofrendo muitas críticas, especialmente sobre sua eficiência e seu papel transformador da realidade. Diante disso, a presente pesquisa apresenta relevância social e educacional, contribuindo para se conhecer quais as expectativas dos educadores, visando melhoria no ato pedagógico.

O cuidado de si

Comumente, a título de compreensão metodológica, os intelectuais que estudam o pensamento foucaultiano adotam uma estruturação e uma periodização que se divide em Arqueologia, Genealogia e Ética (VEIGA NETO, 2004). Em seus últimos trabalhos, correspondentes ao estudo da ética, Foucault procura saber como se dá a constituição do sujeito a partir da relação deste consigo mesmo. Trata-se, portanto, de escrever uma genealogia da subjetividade ocidental e de um questionamento dos diversos modos de sujeição pelos quais o sujeito se reconhece e se afirma (SOLER, 2008). As obras que representam essa fase são a “História da Sexualidade II: o uso dos prazeres”, a “História da Sexualidade III: o cuidado de si” e o curso “A Hermenêutica do Sujeito”.

A ideia do *cuidado de si* foi estudada no último domínio foucaultiano, na obra *A hermenêutica do sujeito* (2004), que relata as últimas aulas de Foucault no Collège de France, proferidas nos anos de 1981-1982, e nela é apresentado o estudo das práticas de si na Antiguidade Clássica e nos primeiros séculos de nossa era. O *cuidado de si* é estudado de forma minuciosa por Foucault, podendo ser demonstrado, através dos princípios, *ocupar-se de si e conhecer a si*.

(...) três coisas importantes: [o cuidado de si] é uma missão que lhe foi confiada pelo deus e que não a abandonará antes de seu último suspiro; é uma tarefa desinteressada para a qual não pede nenhuma retribuição, cumpre-a por pura benevolência; enfim, é uma função útil para a cidade, [...] pois ao ensinar aos cidadãos a ocuparem-se de si mesmos (mais do que de seus bens) ensinam-lhes também a ocuparem-se da própria cidade (mais do que de seus negócios materiais) (FOUCAULT, 1997, p.119-120).

Foucault analisou diversos textos, de Platão em diante, até oito séculos mais tarde, desenvolvendo e demonstrando como o cuidado de si constituía, na Antiguidade, não só um princípio, mas uma prática ordinária. Essa prática, de forma explícita ou difusa, constituía uma atitude geral; uma forma de atenção, uma visão; e, implicava em ações de si para consigo mesmo (FOUCAULT, 2010). O referido pensador escolheu Alcebiades, de Platão, um texto considerado secundário por filósofos, como marco histórico e elemento basilar para as comparações necessárias das transformações pelas quais o princípio (*cuidado de si*) se modificou. Por exemplo, se Alcebiades se recomendava *ocupar-se de si* como uma atitude da juventude, própria a essa faixa etária, por ser “tarde demais aos cinquenta anos”; nos textos posteriores o princípio do *cuidado de si* se espria por toda a vida, assim, “deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda sua existência, seu próprio objeto” (FOUCAULT, 1997, p.123).

Ao se tornar uma prática consolidada, o *cuidado de si* implica uma segunda transformação: o sentido pedagógico. Se antes, a preocupação consigo, se impunha para completar a educação, depois ela se demonstra como função crítica; como função de luta; e como função terapêutica. Essa segunda transformação invoca uma terceira: a passagem da necessidade de um mestre para o outro, para se ter *cuidado consigo*; para a localização do *cuidado de si* em múltiplas relações sociais (SOLER, 2008).

Inicialmente, o *cuidado de si* e a relação de *si consigo* era mediada pela cidade, contudo, isso se transforma, uma vez que

no cuidado de si da forma como foi desenvolvido pela cultura neoclássica no florescimento da idade de ouro imperial, o eu aparece tanto como objeto do qual se cuida, algo com que se deve preocupar, quanto, principalmente, como finalidade que se tem em vista ao cuidar-se de si (FOUCAULT, 2010, p.103).

Atualmente, como mostra a análise de Foucault, não é mais pela cidade que o sujeito *ocupa-se de si*, mas deve-se *ocupar de si* como finalidade em si, por si e para si mesmo. Ocupar-se consigo tornou-se um princípio geral e incondicional. Não se trata mais de uma atividade bem particular para governar os outros. Não há mais a cidade como objeto. O cuidado não se manifesta mais apenas como conhecimento de si (SOLER, 2008). A reflexão inicial do *ser-consigo* tinha a finalidade de ser um bom governante (como no Alcebiades) e, posteriormente, trata das relações mais comuns das relações sociais, ou seja, para suportar “os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os reveses que possam atingí-lo” (FOUCAULT, 2010). Dessa forma, se percebe como o *cuidado de si* passa a ser um mecanismo de segurança.

Foucault também falou em jogos de verdade, remetendo-se ao plano ético e tratando as relações entre o falso e o verdadeiro, relações essas que são constituídas e que balizam o entendimento que cada um tem do mundo e de si mesmo (VEIGA NETO, 2007). A ética faz parte da moral, e preceitua o que é certo ou errado, sob a concepção do conjunto de tecnologias, descritas por Foucault, especificamente as tecnologias do *eu*. Segundo o pensador em estudo, são elas que permitem ao indivíduo efetuar, sozinho ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, visando alcançar certo estado de felicidade, sabedoria (FOUCAULT, 1991).

Após a análise do contexto argumentativo sobre Foucault e o seu cuidado de si, iremos analisar seus possíveis reflexos ao aplicá-lo ou não na prática educativas desenvolvida pelas escolas, tendo como base a escola atual.

As escolas, seus processos educativos e a maneira como se dá o ensino-aprendizagem, enfim, como prepara o aluno é preparado com o futuro, seja nas realizações pessoais ou profissionais, podem ser analisados sob a ótica do pensamento de Foucault.

Diante dessa importância, as instituições de ensino deveriam fornecer subsídios para uma educação reflexiva. Porém, essa não é a realidade da escola atual. Isto pode ser comprovado ao se analisar os parâmetros curriculares nacionais, bem como os projetos políticos pedagógicos das escolas. Como exemplo, percebemos a baixa carga horária de

disciplinas como filosofia e artes, em prol de outras ciências (matemática, física). Porém, criou-se a maior necessidade de aprendê-las, em virtude das atuais concepções, das exigências do mercado de trabalho.

Infelizmente, essa é a formação que os alunos estão tendo, assim como, essa também foi a formação que os professores tiveram. A realidade mostra que a formação continuada dos professores é esquecida e poucos são os cuidados com os educadores, pois nem se conhece a formação pessoal e profissional desses educadores e qual a reflexão no ato pedagógico. Esses questionamentos não deveriam existir, quando se pensa em educação, tendo a instituição escolar sua fonte principal.

A escola contemporânea e a formação do *cuidado de si*

Analisando-se a evolução histórica, em nenhum período da História da Educação no Brasil as iniciativas governamentais no campo educacional foram tão intensas quanto nas últimas décadas. Elaboram-se planos e reformas em que a educação é destacada como fator estratégico do desenvolvimento e como instrumento de cidadania; redefinem-se as leis para os níveis de ensino; reformulam-se os currículos e instrumentos de avaliação dos educandos e o próprio conceito de educação é revisto e reinterpretado sob os enfoques político e sócio-econômico (BARBOSA, 2010). A importância que os órgãos governamentais vêm atribuindo recentemente à educação como estratégia do desenvolvimento brasileiro merece especial atenção, já que, durante longos períodos da história brasileira, a educação foi total ou parcialmente negligenciada.

No contexto neoliberal, o governo brasileiro vem implementando suas políticas econômicas e educacionais de ajuste, ou seja, diretrizes e medidas pelas quais o País se moderniza, adquire condições de inserção no mundo globalizado e, assim, se ajusta às exigências de globalização da economia estabelecidas pelas instituições financeiras e pelas corporações internacionais. Faz-se presente, em todas essas políticas, o discurso da modernização educativa, da diversificação, da flexibilidade, da competitividade, da produtividade, da eficiência e da qualidade dos sistemas educativos, ou seja, a escola e o ensino, na ótica das reformas neoliberais de adequação às demandas e exigências do mercado.

Surgem então novas tendências, forçadas pelo crescimento econômico e tecnológico, pela informática, pelo deslocamento do papel do homem, mudanças na divisão de trabalho, modificações nas empresas, flexibilizações, etc., as quais a educação e a consequente

formação precisam dar uma resposta. Todas essas mudanças econômicas, sociais e culturais levaram a uma demanda crescente de educação e formação. Criou-se o consenso entre a demanda econômica, as aspirações sociais e a ideologia de uma escola visando a promover a liberdade do indivíduo, porém esse consenso não resiste ao prolongamento da crise e ao crescente desemprego.

Diante de tantas incertezas como deve ser a formação educacional. Na opinião de DELORS (2005), ela deve permitir conciliar dois objetivos contraditórios, o de adaptação aos empregos tal como existem atualmente e os do futuro. Ainda, devem-se levar em conta as dificuldades do primeiro emprego, pois a formação nem sempre possibilita a aquisição das capacidades exigidas e o alto nível de formação geral pode criar obstáculo a uma formação de todos, especialmente os mais carentes de recursos. A tendência mais difundida é a preparação para um conjunto de profissões de maneira a facilitar a adaptabilidade.

Para TEDESCO (2004, p. 23), “as transformações que vêm ocorrendo no meio em que se desenvolvem os sistemas educacionais são de tal envergadura que estão focando uma nova redefinição da escola.” Dentre essas transformações, o autor destaca três, de especial importância, “sendo a expansão da plataforma de informação e conhecimento, mudanças no mercado de trabalho e crise dos mundos de vida”.

Na área educacional, o problema atual não está em onde encontrar a informação, mas como oferecer acesso a ela sem exclusões e, ao mesmo tempo, aprender e ensinar a selecioná-la, avaliá-la, interpretá-la, classificá-la e usá-la (BARBOSA, 2010).

A reestruturação produtiva do capitalismo global e, como decorrência, a tendência internacional de mundialização do capital e de reestruturação da economia vem impondo mudanças no conceito de qualidade educacional, com forte impacto na organização e na gestão dos sistemas de ensino e das escolas. As reformas educacionais mundiais expressam essa tendência e identificam as escolas como espaços de mudança, tendo como referência conceitos como autonomia, gestão descentralizada e avaliação.

Por sua vez, o atendimento às necessidades sociais e culturais da população, sobretudo as referentes à inclusão social, requer uma escola de qualidade social e pedagógica que socialize a cultura, a ciência e a arte, enquanto direito universal. Ou seja, trata-se de uma forma de efetivar o direito a igualdade e à dignidade humana.

As atuais concepções de relações sociais, consequências da modernidade, contribuem para que os campos dos conhecimentos não possuam bases sólidas. Há uma crise, não somente na criação de novos saberes (em que nada é inventado, apenas copiado), mas

também, a grande maioria dos saberes baseia-se apenas em construções não absolutas. E isso, influenciou na formação dos professores e continua a influenciar na formação dos atuais e futuros alunos. O que se visualiza é que disciplinas que contribuiriam para o aperfeiçoamento do *cuidado de si* são deixadas de lado, vistas como sem importância prática, a exemplo da filosofia.

Na realidade, o que se visualiza na globalização, no crescimento acelerado, na informação rápida, na velocidade do tempo, dentre outros fatores da contemporaneidade é uma espécie de corrida desenfreada para acompanhar o sistema. Não temos tempo para nada, nem mesmo para pensar, refletir, cuidar de nós mesmos. Assim, se não conseguimos cuidar de nós mesmos, como conseguiremos cuidar dos outros, e essa analogia pode ser feita entre educador e educando.

As instituições escolares apresentam muitos problemas, como falta de estrutura, de condições de trabalho, além da falta de cuidado com os professores, que acabam se desmotivando e apenas passam conteúdos, sem a preocupação do *cuidado de si* para com seus alunos. Vivemos numa época tão veloz que não temos tempo para nós mesmos, o *ser-consigo* é esquecido.

As mudanças históricas, pelas quais passou a humanidade fizeram com que o futuro se tornasse incerto e ameaçador, enfraquecendo a crença na posteridade e fazendo com que as ações humanas passassem a ser conduzidas focando apenas o presente, diluindo assim o sentido da continuidade histórica (MORAES, 2004).

Na sociedade moderna, prepondera a ideia do vazio, de estar no próprio vazio, além da fé na razão humana, no progresso, na ciência, na autonomia do sujeito. Enfim, numa sociedade cuja razão social e política são pautada na justiça, liberdade e fraternidade, sem um modelo a ser seguido e as aparentes formas de dominação da Igreja. Segundo GILLES (1994, p. 20), “os mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação”. Porém, esses ideais do projeto de modernidade não se concretizaram e o ser humano tem buscado respostas, sem encontrá-las.

Dentre os principais filósofos que representam as ideias pós-iluministas estão Foucault e Deleuze. Ambos criticam o projeto de modernidade, visto como a emancipação humano-social através do desenvolvimento da razão.

Esse novo paradigma possui uma atitude diferente em relação ao conhecimento. Para GIOLO (2008, p. 127), “a adoção de uma postura teórica pós-moderna supõe negar a

existência de um conhecimento de validade universal”. Os modernistas acreditam que o conhecimento é importante por seu mérito próprio porque ele é o resultado da aplicação de razão e ciência, o único valor do conhecimento é funcional.

Na contemporaneidade desvaloriza-se a importância do conhecimento alegando falta de legitimidade. O Conhecimento não é objetivo, mas algo que cada um de nós constrói com nossos próprios jogos de linguagem. Construtivismo e desconstrução são palavras chaves no vocabulário pós-moderno. E mais, o ensino e a aprendizagem contribuem para a cidadania crítica, a pedagogia não é reduzida ao frio imperativo metodológico de se ensinar interpretações conflitivas sobre o que conta como conhecimento (GIROUX, 1993).

Ainda, deve-se considerar a forma como ocorrem às atuais relações interpessoais, influenciadas pela rapidez dos meios de comunicação, da rede mundial e da globalização. Porém, para que a sociedade continue evoluindo, foi necessário criar um grande número de regras, visando manter a harmonia social. Para, FOUCAULT (1996), vivemos em uma sociedade que se apóia em discursos que se pretendem verdadeiros, ou seja, sociedade que cria e coloca em circulação discursos que funcionam como verdade e, com isso, ela detém poderes específicos. Inspirado por Nietzsche, Foucault elaborou um método de pesquisa genealógica.

Foucault foi quem mais desafiou o poder estabelecido e que confirmou suas teorias numa época que a razão era a fonte de existência humana, onde o saber e o poder estavam intimamente ligados. “Para os pós-modernos, o conhecimento não é necessariamente libertador e vem sempre impregnado de poder, o conhecimento tem a finalidade prática de fazer a sociedade funcionar” (MÜHL, 2008, p. 128-129). Ainda, tratando do tema, segundo Strathern:

Foucault reconhecia que o mais importante aspecto do poder estava nas relações sociais. Indivíduos teriam o poder na forma de dominação e coerção, mas mais importante, o poder estava também envolvido na produção e uso do saber. Em meio à complexidade da sociedade moderna, com sua multiplicidade de divisões de poderes, isso parece uma análise mais profunda. (2003, p. 52)

A escola desempenha um papel central na produção de subjetividades docilizadas e produtivas. A pedagogia moderna foi construída e reproduzida nas práticas escolares de controle e disciplina dos corpos, no interior dos muros da escola. As técnicas disciplinares encontravam na educação escolarizada um espaço de visibilidade ao serem acionadas continuamente. “O sistema escolar é também inteiramente baseado em uma espécie de poder

judiciário. A todo o momento se pune e se recompensa, se avalia, se classifica, se diz quem é o melhor, quem é o pior” (FOUCAULT, 1991, p. 120).

Ainda, a escola é um espaço de produção de subjetividades, através da maneira de pensar e agir de forma padronizada, ignorando questões como o multiculturalismo, onde o livro didático é um exemplo que muito bem ilustra essa situação. Dentre os objetivos da escola, está a produção de sujeitos dóceis, obedientes, que simplesmente aceitam, sem questionar. Por isso, dentro da escola, há uma repressão a curiosidade sexual dos alunos, restrição do movimento e do espaço na escola, doutrinação religiosa e política, sempre relacionando o comportamento com notas e classificações. Diante disso, se observa a simples domesticação do *eu*, sem o interesse em uma educação que contribui para aperfeiçoar o *cuidado de si*, tão importante para formação de um cidadão crítico.

Para GALLO (2006, p. 188), “a subjetivação como uma prática de liberdade e não assujeitamento” (2006, p. 187), em que o educador “precisa emancipar-se a si mesmo, para que sua atividade docente possa ser um ato de emancipação e não embrutecimento. Apenas se emancipando, exercitado em si mesmo, poderá estar apto para um processo de subjetivação que insista em que cada um eduque-se a si mesmo”

Durante a formação universitária, raramente o professor encontra a valorização de uma preparação específica para a função de professor. Depois de formado, são poucas as instituições que abrem espaço para discussão pedagógica e construção de estratégias para o ensino aprendizagem. Ainda, há a questão relacionada a carreira, normalmente ligada na titulação e produção científica, enfatizando a área do conhecimento específico e função de ser pesquisador, e a formação específica para a docência acaba ficando em segundo plano.

Portanto, para que o professor possa desempenhar a docência no ensino superior com qualidade, há necessidade de que os professores não considerem apenas seus domínios específicos de saber, mas invistam na dimensão pedagógica da docência, e a formação continuada para a docência pode ser um dos caminhos. Além disso, é imprescindível o comprometimento do professor com a docência e com o ato pedagógico. Logo, conhecer a realidade e o contexto social é fundamental, podendo ser aliados do processo de ensino.

Conclusão

Diante do exposto, se observa que a escola e pedagogia atuais apresentam o reflexo do

contexto social que vivemos, o que é óbvio, uma vez que a educação é vista apenas como um bem material ou como forma de aquisição de capital. Essa visão pode ser um tanto radical, porém, infelizmente, é a realidade, pois o conhecimento só é válido se for útil para o trabalho, para a profissão, deixando de lado a ideia do conhecimento como algo reflexivo, que contribui para o crescimento pessoal, aperfeiçoamento das atitudes ou aquisição de cultura/valores.

A escola contemporânea não prioriza as concepções do *cuidado de si*, e isso é facilmente observado nos currículos baseados no interesse do que os elaboram, visando apenas o mercado de trabalho e a produção de mão-de-obra. O conhecimento não é baseado em nenhuma verdade absoluta, mas numa construção, que é passada sob a forma de verdade. Por isso, observa-se que nos currículos as disciplinas de matemática e física possuem uma carga horária muito maior que a área das humanas ou sociais. O objetivo tem sido formar sujeitos pré-determinados para o mercado do trabalho ou outros fins, sem preocupação com o conhecimento e a formação humana do aluno.

A realidade mostra que a tendência da educação é se tornar cada vez mais técnica, deixando-se orientar pela lógica do mercado profissionalizante, ou seja, esquecendo a área das ciências humanas. Diante disso, o cuidado de si visa recuperar a ideia de educação, de cultura, não apenas formação para o mercado de trabalho. O bom profissional pode ser aquele que também cuida de si.

Infelizmente, a escola não tem conseguido desempenhar seu papel sob os mais diferentes ângulos. Assim, a reflexão filosófica sobre a educação pode se constituir num instrumento de transformação de uma sociedade; é claro, que a educação deve ser realizada com base numa reflexão filosófica consciente e crítica.

Referências Bibliográficas

BARBOSA. Jane Rangel Alves; NESPOLI, Ziléa Baptista. **Pensamento Político-Educacional Brasileiro**. RJ: Fundação Trompowski/UCB. 2010.

DELORS, Jacques (Coord.). **A educação para o século XXI: questões e perspectivas**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento das prisões**. Tradução e Organização de: Raquel Ramallete, Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

_____. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège De France**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Editora Edições Loyola, 1996

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Hermenêutica do Sujeito**. SP: Martins Fontes, 2010.

GALLO, Silvio. As contribuições de Foucault à educação. In: **MICHEL FOUCAULT – 80 ANOS**. José Gonçalves Gondra, Walter Omar Kohan (Orgs). Autêntica, 2006.

GIOLO, Jaime. **Rousseau, a lei e a educação**. SP: Autores Associados, 2008, p. 79.

GIROUX, Henry A. Qual o papel da Pedagogia Crítica nos estudos de língua e cultura? Ano1993. Disponível em: http://www.henryagiroux.com/RoleOfCritPedagogy_Port.htm. Acesso em 15 abr. 2011.

MORAES, Jussara Malafaia. **PÓS-MODERNIDADE: Uma luz que para uns brilha e para outros ofusca no fim do túnel**. Artigo publicado na Revista Veiga Mais – Edição: Otimismo - Ano 3 - Número 5 – 2004.1.

MÜHL, Eldon H. **A crise da modernidade inacabada e os desafios da educação contemporânea**. SP: Autores Associados, 2008, p. 109.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar Y. **O cuidado de si em Michel Foucault: do uso dos prazeres à cultura de si**. Congresso Internacional de Filosofia: debate de ideias e cidadania. Caxias do Sul/RS, 2008.

STRATHERN, Paul. **Foucault (1926-1984) em 90 minutos** (Filósofos em 90 minutos). Tradução: Cassio Boechat; consultoria Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Editora Jorge

Zahar Ed., 2003.

TEDESCO, J. C. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** SP: Cortez, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.